



ENCICLOPÉDIA
MULHERES NA FILOSOFIA



Blogs Unicamp

Sophie Bòsèdé Olúwolé

Carlos Eduardo da Silva Rocha

Edição eletrônica

URL:

ISSN: 2526-6187

Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia,
V. 7, N. 4, 2023, pp. 1-15.

Sophie Bòsèdé Olúwólé; Abòsèdé Olayemi

(1935 - 2018)

por Carlos Eduardo da Silva Rocha, doutorando
e licenciando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - [Lattes](#)

Sophie Bòsèdé Olúwólé foi uma filósofa nigeriana cujo trabalho se debruçou sobre o estudo e divulgação das filosofias africanas, em especial *Ifá*, a filosofia de Òrúnmilà. A vida da filósofa, doutora e professora Sophie Bòsèdé Olúwólé foi um exemplo de perseverança, dedicação e luta contra o eurocentrismo ainda tão forte na academia mundial. Olúwólé enfrentou de frente a colonialidade acadêmica que ainda resiste em reconhecer a existência das filosofias Africanas. Como Filósofa, ela denunciou o racismo estrutural que sufoca o estudo, a pesquisa e a divulgação de todo o pensamento que não seja branco e Ocidental.

Nascimento e os primeiros anos

No artigo biográfico “Remembering the African Philosopher, Abosedé Sophie Oluwole: A Biographical Essay”. [Lembrando da Filósofa Africana, Abosedé Sophie Oluwole: Um ensaio Biográfico], Ademola Kazeem Fayemi nos lembra que Abòsèdé Olayemi Sophie Olúwólé nasceu em 1935 em Igbara-Oke no Estado de Ondo, Nigéria, em uma família de fé Anglicana. Ambos seus pais eram naturais do Estado de Edo.

Apesar da crença popular de que Olúwólé é uma Yorùbá devido sua proeminência no estudo da filosofia Yorùbá, na verdade sua ancestralidade vem de Edo, e o fato de ela ter nascido em Igbara-Oke foi resultado de seu pai ter vivido lá (Fayemi, 2018, pp. 119-120). Por ser uma mulher de ancestralidade Edo, Olúwólé compreendia o dialeto Edo, contudo não era fluente. Todavia, Fayemi observa que é mais adequado considerá-la mais como uma pessoa Yorùbá do que Edo, devido à origem Yorùbá de seu nome. Ambos os nomes de nascimento da filósofa (sem contar seu nome de casamento, Olúwólé) são de origem Yorùbá. Abòsèdé significa “uma menina nascida em um domingo” e Olayemi significa “eu mereço a fortuna”.

O início da educação e carreira acadêmica

Os primeiros anos da educação da filósofa foram marcados por um fato curioso: o recebimento do nome “Sofia”, por volta dos 8 anos de idade, quando ela foi batizada. O nome

foi dado por um amigo da família que era, também, o diretor da escola comunitária de Igbara-Oke onde ela estudava. O diretor batizou a futura filósofa como Sofia por reconhecer que Abòsèdè Olayemi era uma criança de extrema inteligência. O nome dado pelo diretor foi um divisor de águas na vida de Sophie, pois, pelo reconhecimento de sua notória inteligência, ela passara a viver na casa do diretor e, daí, começou a frequentar a *St. Paul's Anglican Primary School* em Igbara-Oke, onde teve sua educação primária (*Ibid.*, pp. 120-121). Então, ela passou a frequentar a *Anglican Girl Modern School* na cidade de Ile-Ife, em 1951. Em 1953 foi para Ilesha e lá frequentou o *Women Training College*, onde se qualificou para a profissão docente. Uma outra curiosidade quanto ao nome da filósofa é que, de acordo com Fayemi, a mudança de “Sofia” para “Sophie” foi uma questão de escolha da própria filósofa, embora não fique claro o motivo da mudança (*Ibid.* p. 120).

Ela obteve sua primeira formação em filosofia em 1970. Fayemi (2018, p. 122) destaca que durante sua graduação ela nunca foi introduzida à filosofia africana, muito provavelmente pelo fato de seus professores não terem formação em filosofia africana, mas sim formação no cânone tradicional eurocêntrico da filosofia acadêmica, mais especificamente as filosofias grega, britânica e alemã. Ela concluiu seu mestrado cujo título da dissertação foi *An Introduction into the Relationship between Transformational Grammar and Logical Analyses* [Uma Introdução acerca da Relação entre Gramática Transformacional e Análise Lógica] em 1974 pela Universidade de Lagos. Foi durante a redação de sua dissertação de mestrado que Olúwólé ouviu pela primeira vez o conceito de filosofia africana por parte de J. B. Danquah (Jr.). O interesse de Danquah pela filosofia africana se voltava à filosofia egípcia antiga e a relação da filosofia grega com o pensamento egípcio, mas Olúwólé tinha certas restrições quanto à pesquisa de Danquah (*Ibid.*). A preocupação de Olúwólé não estava em comparar o pensamento egípcio com o grego ou investigar a africanidade da civilização egípcia. Ao invés disso, ela ponderava as seguintes questões: “Se os Egípcios eram pretos e estudaram filosofia primeiro, o que aconteceu com o povo originário, o povo que iniciou a filosofia?”, “Haverá algum resíduo de pensamento africano que possa pré-datar a invasão islâmica e cristã em terras africanas?” (Fayemi, 2018, p. 122). Com sua dissertação de mestrado ela pretendia lançar alguma luz sobre essas questões.

No entanto, como bem coloca Fayemi (2018, p. 123), o sonho de Olúwólé em pesquisar filosofias africanas foi frustrado pelo simples, porém grave, fato de não haver quem pudesse orientá-la em sua pesquisa. Ou seja, em uma Universidade Africana não havia nenhum professor ou professora com qualificação para orientar uma pesquisa em filosofia africana, visto que a formação dos professores de Olúwólé era a canônica eurocêntrica. Então, o assunto de sua dissertação mudou de filosofia africana para filosofia da linguagem no pensamento ocidental.

Contudo, mesmo diante das adversidades, a filósofa não perdeu seu intuito de investigar e pesquisar o pensamento africano. Em sua pesquisa de doutorado iniciada em 1977, ela tinha a intenção de estudar a ética Yorùbá, tendo a pesquisa o título *The Rational basis of Yorùbá Ethics* [A Base Racional da Ética Yorùbá]. Porém, mais uma vez ela encontraria barreiras em sua busca pela filosofia africana, especificamente, da negação por parte de seu orientador Peter Bodunrin da existência de um *corpus* de pensamento africano que pudesse ser classificado como filosofia, isto é, Bodunrin negava a possibilidade da existência de uma filosofia africana, sendo sua especialidade a filosofia grega. Assim, o tema da pesquisa de doutorado de Olúwólé foi a metaética e a regra de ouro. Essas barreiras encontradas pela filósofa foram mencionadas por ela em sua [conferência na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2018](#), quando ela disse:

Quando eu escrevi minha tese de doutorado que eu terminei em 1984, não me permitiram trabalhar um tópico africano, pois não existia uma filosofia africana. Então, eu tive que obedecê-los e tive que estudar a filosofia ocidental e tudo o que me ensinavam era filosofia ocidental. Durante meu doutorado eu queria mostrar para eles que havia filosofia africana, todos os artigos que escrevi eram para mostrar para eles que existia filosofia africana. (Olúwólé, 2018, transcrição e tradução nossa)

Mas como lembra Fayemi (*Ibid.*, p. 123), embora não tivesse interesse em pesquisar filosofia ocidental, Olúwólé usou essa pesquisa para mostrar sua capacidade enquanto pesquisadora em temas filosóficos — o que ela fez com louvor ao defender com muito sucesso sua tese em 1984, sendo a primeira mulher a receber o título de Doutorado em filosofia por uma Universidade Nigeriana e em toda África Subsaariana —, o que acabou por abrir as portas para ela se dedicar ao estudo de filosofias africanas, que teve início com seu primeiro contato com Ifá.

Ifá é a filosofia de Òrúnmilà (filósofo yorùbá do séc. IV a.C.), transmitida de forma oral. O *corpus* filosófico de *Ifá* é composto por 256 poemas chamados *Odù* — que se dividem em 16 *Odù* maiores, os *Ojú Odù*, e 240 *Odù* menores, chamados *Ọmọ Odù* — que são interpretados por uma série de sistemas oraculares. A introdução de Olúwólé ao pensamento de Òrúnmilà não ocorreu em uma Universidade ou pelo intermédio de algum professor, mas por Funke Geshide, filha de Olúwólé. Geshide estudava a tradição oral de *Ifá* em seu período na Universidade de Lagos. Quando ela se casou, deixou grande parte de sua coleção de livros para sua mãe, sendo um desses livros *Awon Oju Odu Mereerindinlogun* [Sixteen Great Poems of Ifá/Dezesseis Grandes Poemas de Ifá] (1977), de Wande Abimbola, um *babaláwo* (sacerdote oraculista), estudioso e professor da filosofia de *Ifá*. Quando Olúwólé leu alguns versos dos *Odù Ejiogbe* e *Owonrin meji*, percebeu a beleza e a racionalidade do pensamento do filósofo Yorùbá antigo

(*ibid.*, p. 124). Esse encontro aleatório com livros que traziam em suas páginas transcrições da tradição filosófica oral de *Ifá* foi o ponto de virada na vida, carreira e pensamento de Sophie Olúwoḷé, pois ela finalmente encontrara o que tanto procurava, um sistema endógeno Yorùbá de conhecimento que, de fato, se classificava como filosofia. Ao entrar em contato com *Ifá*, (*Ibid.*, p. 125) Olúwoḷé se deparou com uma tradição filosófica oral que discutia questões humanas fundamentais como ética, metafísica, epistemologia, entre outras. Mais uma vez a barreira da língua se mostraria um desafio para a filósofa, pois como uma Nigeriana imersa em uma realidade colonial, a “língua materna” de Olúwoḷé era o inglês, o que levou a filósofa a buscar tutores em idioma yorùbá para que pudesse ler e interpretar os versos dos *Oḍù* que compõem o *corpus Ifá* que, como grande parte da literatura da antiguidade, era composto em um complexo estilo linguístico (*Ibid.*, p. 125). O encontro com *Ifá* fez com que a filosofia de Ọ̀rúnmìlà se tornasse a pedra angular do pensamento de Sophie Olúwoḷé, e com que ela se tornasse uma das maiores especialistas e divulgadoras de *Ifá* enquanto filosofia e pesquisa acadêmica.

Em 23 de dezembro de 2018, em Ibafo, Estado de Ogun na Nigéria, Sophie Bòsèdè Olúwoḷé deixou o *Àyíé* (mundo material, segundo *Ifá*) para encontrar com seus ancestrais no Ọ̀run (mundo imaterial, segundo *Ifá*), mas a marca que ela deixou nunca será apagada. Com sua obra, Olúwoḷé, de fato, colocou o pensamento Yorùbá no mapa, mostrando que a filosofia não é universal, mas pluriversal. Com sua obra, Sophie Bòsèdè Olúwoḷé mostrou que, para o estudo da filosofia é necessária a busca pelas origens, ou como ela mesma disse: “O caminho para frente, é voltando para casa” (Olúwoḷé, 2018, transcrição e tradução nossa)

Obras da filósofa

1. A preocupação com a língua e sua relação com a identidade

Em sua conferência na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2018, Olúwoḷé chamou atenção para a importante questão de que a filosofia não tem uma língua particular, ou seja, a filosofia ocidental é difundida em muitas línguas como, por exemplo, o inglês, o francês ou o alemão. O que a filósofa quis dizer é que não existe uma única filosofia ocidental, mas filosofias ocidentais. Na conferência, ela disse:

Quando me falavam de filosofia ocidental, eu retrucava: ‘não existe filosofia ocidental’. Existe filosofia inglesa, existe filosofia francesa, existe filosofia alemã, mas não podemos colocá-las juntas, pois as línguas são diferentes. Então, se você quiser ensinar filosofia africana busque o que os africanos dizem em suas próprias línguas (Olúwoḷé, 2018, transcrição e tradução nossa)

Olúwólé usou a si mesma como exemplo, pois, como se dedicou à filosofia de *Ifá*, ela teve que aprender o idioma yorùbá para, assim, compreender o que Òrúnmilà e seus discípulos/as disseram. Porém ela lembra que seu estudo se focou no yorùbá e na filosofia de língua yorùbá, por isso ela não entendia outras línguas de matriz africana como, por exemplo, o idioma ibo. O importante ponto sublinhado pela filósofa é que, assim como não existe uma única filosofia ocidental, também não existe uma única filosofia africana, mas filosofias africanas, cada qual com sua língua materna.

A rejeição do pensamento africano e dos próprios africanos em instituições de ensino da África levou Olúwólé a escrever *Katanfuru: who are (we/they) Africans? Some memorable Questions* [Katanfuru: quem são (nós/elas/eles) Africanos? Algumas questões memoráveis]. *Katanfuru*, segundo a filósofa, significa “alguém que perdeu sua língua e, portanto, é um tolo/a”. A filósofa observa que se um indivíduo não consegue falar sua própria língua ou quando as pessoas não entendem a sua língua, isso significa que elas não têm nada. A filósofa observa que foi isso que ela aprendeu ao estudar a língua yorùbá, ou seja, a importância do resgate das línguas originárias para a cultura e para a filosofia.

2. A importância das tradições orais enquanto filosofia

Um dos temas a que Olúwólé se dedicou foi a relação entre filosofia e as tradições orais. Como observa Gail Presbey em seu artigo “Sophie Olúwólé’s Major Contributions to African Philosophy” [As maiores contribuições de Sophie Olúwólé para Filosofia Africana] (2020, p. 233), Olúwólé critica todo um grupo de eruditos africanos em filosofia que, por décadas, desacreditaram as tradições orais de sabedoria.

Como aponta Presbey, a filósofa critica esses eruditos por considerar que eles taxaram, de forma injusta, as tradições orais como autoritárias e dogmáticas. Ela rebate esses eruditos afirmando que as tradições orais africanas não são autoritárias, pelo contrário, são parte da tradição liberal na África. Segundo a filósofa, (Olúwólé, 1997a, pp. 67 e 70 *apud* Presbey, 2020, p. 233), as histórias orais são dinâmicas, não são apenas memorizadas, mas também analisadas, ou seja, as histórias orais não eram compreendidas de forma literal, mas interpretadas. As histórias orais, como os *Odù Ifá*, trazem nos versos de seus poemas belíssimas lições filosóficas sobre ética, metafísica, epistemologia, entre outras lições que estão contidas nas narrativas míticas de seus poemas.

3. Sobre bruxaria e reencarnação

Em seu livro *Witchcraft, Reincarnation and the God-head* [Bruxaria, Reencarnação e a Cabeça como Divindade], como afirma Presbey (2020, p. 232), Olúwolé realiza um estudo acerca da bruxaria mantendo, ao mesmo tempo, a mente aberta e uma posição cética para com aqueles que acreditam na eficácia da bruxaria. A filósofa faz também uma crítica ao materialismo ocidental contrastando-o com a crença em reencarnação das culturas africanas.

Segundo a filósofa, não se pode refutar totalmente a eficácia da bruxaria usando o método científico, já que há alguns casos nos quais algumas pessoas manifestaram resultados que podem ser considerados como evidência empírica com demonstrações experimentais, mesmo que em âmbito hipotético. Ela aponta que físicos têm absoluta crença na realidade dos neutrinos, embora os seres humanos não possam experimentá-los de forma direta, mas apenas seus efeitos (Olúwolé, 1995, p. 368 apud Presbey, 2020, p. 232). Por outro lado, a filósofa convida os praticantes da bruxaria a admitir que suas crenças não são infalíveis e imutáveis, para assim aprender com seus próprios erros.

Quanto ao tema da reencarnação, a filósofa discute estudos empíricos (inclusive nos Estados Unidos) que traziam evidências acerca da reencarnação, ainda que de forma inconclusiva. Olúwolé percebeu que alguns filósofos africanos se referiam à reencarnação como prova de que os africanos eram retrógrados intelectualmente. Olúwolé aponta que os africanos que defendem a crença na reencarnação como retrógrada o fazem porque essa defesa se encaixa em suas próprias ideias metafísicas, já que eles afirmam ter “evidências empíricas demais” que corroboram sua defesa (Olúwolé, 1992a, p. 52 apud Presbey, 2020, pp. 232-233). Para Olúwolé, são os materialistas ocidentais que defendem uma posição irracional, pois, ao insistir em acreditar apenas em fenômenos que possam ser provados pela ciência, acabam rejeitando qualquer evidência empírica que desafie seu compromisso com o materialismo. Ela também expõe sua posição em favor da reencarnação ao chamar a atenção para umas das próprias definições da filosofia que diz que as explicações filosóficas são racionais, baseadas na intuição e na experiência. E já que a maior parte da reflexão filosófica se dá pela especulação, não devemos pensar que a filosofia lide unicamente ou primariamente em absolutos.

4. Comparando as Filosofias Africanas e Ocidentais

O ápice do trabalho de Sophie Bósèdé Olúwolé é a comparação que ela faz entre as filosofias africanas e ocidentais, mais especificamente a Yorùbá e a Helênica ao comparar os

dois maiores representantes dessas filosofias: O Grego Sócrates e o Yorùbá Òrúnmìlà. Ao apontar similaridades e diferenças entre os dois filósofos, Olúwólé mostra, assim, as similaridades e as diferenças entre os pensamentos africano e ocidental.

Como bem lembra Presbey (2020, p. 234), Olúwólé contextualiza Òrúnmìlà como uma pessoa histórica nascida no séc. IV a.C., cujas ideias foram transmitidas de forma oral para seus discípulos. Ou seja, ela postula que Òrúnmìlà foi um filósofo que, de fato, viveu e teve discípulos, apesar de ser considerado um *Òrìṣà*, parte do panteão das divindades de *Ifá*. Na verdade, o que Olúwólé faz é uma caracterização dos dois filósofos em três instâncias:

4.1. O Sócrates Fictício

Ao retratar o Sócrates fictício, Olúwólé (2017, p. 31) toma o Sócrates retratado por Aristófanes nas peças *As Nuvens* e *As Aves*. O Sócrates de Aristófanes propunha que o que determinava as qualidades de um líder era a posse do conhecimento, o entendimento e a virtude moral. Essas eram as qualidades que justificavam quem deveria ser apontado para reger os assuntos de Estado. Aristófanes descrevia um Sócrates que propunha mudanças drásticas para o pensamento e crenças tradicionais gregas, ou seja, questionando poetas como Homero e Hesíodo e políticos como Sófocles ou Sólon, assim como sofistas como Protágoras ou Górgias. Para Aristófanes, Sócrates era um revolucionário radical que levaria a sociedade Grega à anarquia.

4.2. O Sócrates Corporativo

Nesta caracterização, Olúwólé (2012, p. 32) toma o Sócrates retratado por seu discípulo Platão. O Sócrates de Platão era uma síntese crítica do pensamento grego anterior e contemporâneo ao período em que Platão escreveu seus diálogos. Por corporativo, Olúwólé caracteriza o Sócrates como um revolucionário à frente de um movimento intelectual. Por isso, ela observa que Platão retratava Sócrates como um representante dessa corporação intelectual que surgia em Atenas. Uma corporação que considerava Sócrates como o mais sábio dos gregos e líder revolucionário.

4.3. O Sócrates Histórico

Quanto ao Sócrates Histórico, Olúwólé (2017, p. 33) traçou os dados da vida de Sócrates, o homem que viveu na Atenas do séc. IV a.C., como, por exemplo, os nomes e as ocupações de

seus pais. O nome do pai de Sócrates era Sofronisco, um pedreiro do distrito de Alopece, que ficava ao sul de Atenas. Sua mãe era parteira e se chamava Fenarete.

Olúwoḽé menciona Composta (1990, p. 139) lembra que Diógenes Laércio afirmou que Sócrates tinha dez discípulos, dos quais muitos eram seus amigos. Ela lembra que o número de discípulos era provavelmente maior devido ao fato de cinco escolas de pensamento socrático terem sido estabelecidas.

Olúwoḽé (2017, p. 34) observa que, segundo registros históricos, o filósofo viveu na era em que a religião ateniense era o culto aos doze Olímpianos encabeçados por Zeus, lembrando que o santuário de Orfeu em Delfos alojava o famoso oráculo de Apolo. Quanto à aparência física de Sócrates, Olúwoḽé menciona Durant (1926, p 336) que faz menção à imagem do busto de Sócrates o retratando como um homem feio para os padrões gregos. O busto mostra um homem de rosto largo, nariz chato, lábios grossos e de barriga grande. Quanto ao restante de sua personalidade, ainda mencionando Durant (*Ibid.*), tanto Platão como Xenofonte retratam Sócrates como alguém com uma grande tolerância para o álcool, que usava vestes simples, preferia andar descalço e sempre comia a convite de seus colegas. Era dito que sua pobreza era resultado de sua indiferença para com a riqueza, pois se sentia rico na pobreza.

Aos setenta anos de idade, Sócrates foi acusado do crime de impiedade, julgado, declarado culpado e condenado à morte. Seus amigos arquitetaram sua fuga da prisão, mas ele recusou.

4.4. O Ọ̀rúnmilà Mítico

Segundo Sophie Olúwoḽé (2017, p.43), a tradição oral Yorùbá descreve Ọ̀rúnmilà como membro de um grupo celestial, os Ọ̀rìṣà que foram enviados por Olódúmarè (Todo Poderoso) para o Ọ̀yíé (mundo material), com tarefas específicas. A tarefa de Ọ̀rúnmilà era usar sua sabedoria para organizar os assuntos da sociedade. O centro de suas atividades era Ile-Ife, o lar ancestral do povo Yorùbá do sudeste na Nigéria.

4.5. O Ọ̀rúnmilà Corporativo

Aqui, Olúwoḽé caracteriza Ọ̀rúnmilà como uma representação corporativa do axioma intelectual do povo yorùbá em um ponto particular no desenvolvimento de sua tradição filosófica. Como o líder de uma corporação, uma escola mística que surgia e difundia seu pensamento (2017, p. 43).

Ela chama atenção para uma questão quanto ao nome do filósofo, pois o termo “*Ifá*”, em um sentido, se refere à vasta tradição oral do povo Yorùbá, mas também é usado como nome alternativo para o próprio Òrúnmilà. Ela afirma que o líder histórico desse grupo de pensadores tomou o nome “Òrúnmilà” como uma alcunha, uma prática que, segundo ela, ainda é comum entre os yorùbá.

A filósofa lembra que os *Ojú Odù*, os 16 poemas maiores do *Corpus Ifá* são creditados como registros das 16 discípulas e discípulos originais de Òrúnmilà, que em seus poemas registraram os ensinamentos e discussões que tiveram com seu mestre. Gerações posteriores adicionaram seus próprios pensamentos aos registros dos 16 discípulos originais e, como aprendizes, eles tinham que memorizar os versos dos *Odù* para, assim, adquirirem a competência necessária para analisar e interpretar os ensinamentos dos poemas. Então, cada um dos 16 *Odù* maiores foram compostos pelos 16 discípulos e discípulas originais a partir dos ensinamentos de seu mestre, ao passo que esses 16 discípulos também tiveram seus próprios discípulos e discípulas que também compuseram seus próprios *Odù* chamados *Ọmọ Odù*. Ou seja, os *Odù* são composições dos discípulos de Òrúnmilà e dos discípulos dos discípulos de Òrúnmilà, totalizando um *corpus* filosófico de 256 *Odù*, o que significa que o *corpus Ifá* foi composto por 256 filósofas e filósofos cuja linhagem começa com Òrúnmilà, o fundador do sistema filosófico e criador dos sistemas oraculares que interpretam esse sistema cujo *corpus* supera o número de 400.000 versos.

4.6. O Òrúnmilà Histórico

Para a caracterização histórica, Olúwoḷé (*Ibid.*) cita Emanuel (*Ifa Festival*, 2000, p. 233) que menciona uma lenda que descreve Òrúnmilà como uma personalidade histórica nascida por volta de 500 a. C. Ela observa que o *Odù Ọsá Méji* contém uma descrição detalhada quanto à confusão do local de nascimento de Òrúnmilà. O *Odù* conta que quando dito que o filósofo nasceu em Ado, ele respondeu que, na verdade, ele não era natural de Ado, mas que visitou Ado quando descobriu que a população de lá não tinha religião e foi até lá para levar *Ifá* para as pessoas.

Diz também que ele era de Òffá; no entanto mais uma vez Òrúnmilà diz que ele não era natural de Òffá, mas que foi até lá, pois as pessoas estavam doentes. Olúwoḷé menciona (2017, p. 45) Emanuel (2000, p. 56) que explica que a confusão quanto ao local de nascimento de Òrúnmilà nos versos do *Odù Ọsá Méji* dão maior credibilidade às evidências de que ele era nascido e criado em Òkè Ìgèti em Ilé-Ifè.

Quanto a sua aparência física, Olúwólé cita novamente Emanuel (2000, p. 355) que se refere ao *Odù Òyèkú Méji* que descreve Òrúnmilà como um homem feio, de barriga protuberante devido a muita bebida e de pele preta como se tingido com índigo.

Olúwólé observa que a lenda acerca da vida de Òrúnmilà afirma que ele era um sábio excepcional, o que o tornou extremamente famoso. Sua fama era tamanha que as pessoas o procuravam para se tornarem seus aprendizes, mas ele escolheu apenas 16 cujos nomes coincidem com os *Ojú Odù* (*Odù* maiores) de *Ifá*. Segundo a filósofa (2017, p. 46) há um testemunho textual de que ele lecionou em uma escola estabelecida em Òkè Itàsè e outra escola em Ilé-Ifè, que é hoje o santuário central de *Ifá* como uma religião mundial.

Ao comparar Sócrates e Òrúnmilà, o que Olúwólé faz é uma comparação entre as filosofias ocidental e africana. Ela mostra que, assim como Sócrates, Òrúnmilà merece seu lugar na história da filosofia como um sábio da antiguidade cujo pensamento exerce influência até os dias de hoje.

Importância da filósofa e sua obra

A trajetória da vida de Sophie Bósèdé Olúwólé foi marcada por adversidades e pela superação das mesmas. Olúwólé foi uma vítima da colonialidade que ainda tem suas marcas profundas no continente e nos povos africanos, impondo as culturas ocidentais como norma, reduzindo as culturas originárias africanas ao primitivismo e à irracionalidade. Olúwólé era uma mulher preta, africana e estudante em instituições de ensino africanas, mas que ousou querer ir além, ousou querer estudar filosofia africana, um desejo que seus orientadores rejeitaram afirmando que não existia filosofia africana. A colonialidade sufoca as vozes originárias e foi assim que Olúwólé deve ter se sentido, sufocada e impedida de falar. No entanto, sua voz não seria calada por muito tempo.

Embora seus títulos acadêmicos tenham sido alcançados com a pesquisa de pensadores brancos e ocidentais, Olúwólé conseguiu algo inédito na história da África contemporânea: ser a primeira mulher com título de doutorado em filosofia na Nigéria e em toda a África Subsaariana. A conquista da Doutora Olúwólé abriria para ela a oportunidade de dar os primeiros passos na direção de volta para casa, ou seja, em direção ao pensamento e às vozes de seus ancestrais. Mal ela sabia que sua conquista ajudaria a fortalecer a defesa da existência e do estudo das filosofias africanas, abrindo o caminho para que outras/os estudantes pudessem encontrar seus caminhos de volta para casa, de volta para as vozes de seus ancestrais. Em sua jornada, Olúwólé viu que a concepção de uma “filosofia universal” era falaciosa, ou seja, Olúwólé percebeu a

pluriversalidade da filosofia. Percebeu que a filosofia está presente em todas as culturas, com faces, cores e etnias diferentes e que uma das marcas dessa pluriversalidade é a língua. A Filósofa percebeu que os numerosos povos africanos com seus numerosos idiomas e dialetos produziram suas próprias filosofias, que representam suas diferenças e particularidades culturais. Olúwoḽé chegou à conclusão de que para ouvir as vozes de seus ancestrais e estudar suas filosofias é necessário aprender suas línguas para, assim, sorver suas palavras, conceitos e as filosofias contidas nelas. Foi isso que Olúwoḽé fez quando se deparou com *Ifá*, a filosofia de Òrúnmilá, o que a levou a redação de sua *Magnum Opus*.

Nessa obra, Olúwoḽé faz um estudo comparativo entre Sócrates e Òrúnmilá, dois filósofos que transmitiram seu pensamento de forma oral para seus discípulos. Como é amplamente sabido, Sócrates não deixou nada escrito, e tudo o que sabemos do filósofo heleno e seu pensamento, sabemos pelos registros de seus discípulos, em especial, Platão. Assim como Sócrates, Òrúnmilá viveu em uma sociedade de tradição oral. Portanto, o que sabemos do pensamento do filósofo Yorùbá vem da longa linha de discípulos e discípulos de seus discípulos, que foram passando a sabedoria de Òrúnmilá de forma oral de geração para geração, chegando até nós como um sistema filosófico e religioso que ainda é amplamente praticado e transmitido, tanto na África quanto na Diáspora, de forma ininterrupta por pelo menos 2.600 anos.

Como afirma Presbey (2020, p. 239), por seu vasto conhecimento e compreensão da filosofia contida nos *Odù Ifá*, Olúwoḽé, em vida, sempre esteve na mídia, em matérias sobre sua vida e sua obra e, após sua morte, sua presença na mídia aumentou. Presbey observa (*Ibid.*) que, de acordo com uma rádio nigeriana, muitas vezes quando se referiam à filósofa, o faziam pelo apelido de “*Mamaláwo*”, uma adaptação do termo “*Babaláwo*”. *Babaláwo* são os sacerdotes que interpretam os *Odù Ifá* através de sistemas oculares, ou seja, são os especialistas na filosofia de Òrúnmilá que treinam durante muitos anos para memorizar os 256 *Odù*, interpretar seus mitos e manipular seus oráculos. O termo “*babaláwo*” é geralmente traduzido por “Pai do segredo”, assim, o apelido de Olúwoḽé seria algo como “Mãe do segredo” em reconhecimento de seu profundo conhecimento da filosofia de *Ifá*.

A palavra yorùbá para “ser humano” é “*eniyàn*” que literalmente significa “Aquela/e que escolhe” e essa escolha é *Orí*, a cabeça que, segundo *Ifá* é o receptáculo da personalidade e destino humano. Assim, para *Ifá*, escolhemos nossos destinos antes de nascermos. Então, quando Olúwoḽé se deparou com a obra *Awon Oju Odu Mereerindinlogun* de Wande Abimbola, não foi uma mera coincidência, mas uma obra do destino escolhido pela filósofa no *Òrun*. Mas *Ifá* adverte em seus *Odù* que, mesmo com a escolha de um bom destino, o mesmo não pode ser alcançado sem o empenho de *Ìwà*, do Bom Caráter, o que faz da escolha do destino um ato

constante. Em sua vida, Olúwoḷé enfrentou inúmeras adversidades que a impediram de encontrar a filosofia africana que buscava, mas ela nunca desistiu de buscar a voz e a sabedoria de seus antepassados. Ou seja, seu *Ìwà*, seu Bom Caráter, nunca foi dobrado diante das dificuldades. Quando ela finalmente encontrou a voz de Òrúnmílá, empenhou seu caráter com ainda maior afínco para que essa voz ancestral fosse ouvida e reconhecida como o que ela é, como filosofia. Sophie Olúwoḷé não foi apenas uma estudiosa de filosofias africanas, mas a mulher que estava destinada a ser a filósofa que deu ao pensamento de Òrúnmílá o devido reconhecimento, um destino por ela mesma escolhido.

Portanto, em sua vida e obra, Sophie Bósèdè Olúwoḷé foi uma filósofa que quebrou barreiras, como ser a primeira mulher a obter o título de Doutora em filosofia pela Universidade de Ibadan, e por defender *Ifá* como sistema filosófico e Òrúnmílá como um filósofo da antiguidade. Em sua obra, assim como em sua vida, Olúwoḷé buscou legitimar o pensamento africano, mostrando que as filosofias africanas não devem, em nada, às filosofias ocidentais e que, assim como Sócrates, Òrúnmílá foi um filósofo cujo pensamento merece seu lugar na história da filosofia. Assim como os dois filósofos que ela compara, a filósofa Sophie Bósèdè Olúwoḷé também deixou sua marca na história da filosofia ao mostrar que, como Sócrates pode ser considerado como o “Santo Patrono” das filosofias ocidentais, Òrúnmílá pode igualmente ser considerado como o “Santo Patrono” das filosofias africanas e que o eurocentrismo que impregna a academia não pode mais ofuscar a importância do pensamento africano nem de suas filósofas e filósofos.

Referências Bibliográficas

Obras da Filósofa

Olúwoḷé, S. B. (1992a). *Witchcraft, reincarnation and the god-head*. New Delhi: Excel Publishers.

_____. (1992b). *Democratic patterns and paradigms: Nigerians women's experience*. Lagos, Nigeria: Goethe-Institut.

_____. (1995). On the existence of witches. In: Mosley A. G., Cliffs E. *African Philosophy: Selected readings*. N. J.: Prentice Hall.

_____. (1996). African Philosophy as Illustrated in *Ifá* corpus. In: *Imódòye: A Journal of African Philosophy* 2, pp. 1-20.

_____. (1997a). *Philosophy and Oral Tradition*. Lagos, Nigeria: African Researche Konsultancy.

_____. (1997b). Culture, gender and development theories. In: *Africa development* 22.

_____. (1999). Oruka's mission in African philosophy. In Graness, A., Kresse, K.. *Sagacious reasoning: Henry Odera Oruka in memoriam*. Nairobi: East African Educational Publishers.

_____. (2000). Africa. In: Jaggar, A. M.; Marion, I. *A companion to feminist philosophy*, ed. Alison M. Jaggar and Iris Marion Young. Malden, Mass.: Blackwell Publishers.

_____. (2001). Womanhood and feminism in African traditional thought. In: Abodurin, F. Ofemi, O, Ogundele, W. Trenton *Character is beauty: Redefining Yoruba culture and identity (Iwalewa-Haus 1981-1996)*, ed. Femi Abodurin, Olu Ofemi and Wole Ogundele. Trenton, N. J.: Africa World Press.

_____. (2006). Public health and the individual right to sexual pleasure and choice. In: *Sexuality in Africa* 3 (2), pp. 6-8.

_____. (2011). *Katanfuru: "Katanfuru: who are (we/they) Africans? Some memorable Questions*, CEFACAD.

_____. (2014). African Myths and legends of Gender. (1996) Lagos: Nigeria. ARK Publishers.

Olúwolé, S. B.; Sofoluwe, A. (2014). *African myths and legends of gender*. Lagos Nigeria: ARK Publishers.

Olúwolé, S. B. (2017). Oruka and the sage philosophy: New insights on sagacious reasoning. In: *Handbook of African Philosophy*, ed. Toyin Falola and Adeshina Afolayan. New York: Palgrave MacMillan.

_____. (2017). *Sócrates and Òrúnmilá: Two Patron Saints of Classical Philosophy*. 3rd ed. Lagos, Nigeria: ARK Publishers.

_____. (2017). The best of both worlds: Philosophy in African Languages and English translation. In: *APA Newsletter on Indigenous Philosophy*, pp. 7-14.

Trabalhos Acadêmicos sobre a Filósofa

Dasaolu, B. O.; Fayemi, A. K. (2015). Oral Tradition in: African Philosophy Discourse: A Critique of Sophie Oluwolé's Account. In: *The African Symposium: An Online Journal of the African Educational Research Network*, volume 15, nº 1, pp. 57-68.

Fayemi, A. K. (2018). Remembering the African Philosopher, Abosede Sophie Oluwolé: A Biographical Essay. In: *Filosofia Theoretica: Journal of African Philosophy. Culture and Religions vol. 7 nº 3 (Dedicated to the late Prof. Sophie Oluwolé)*, pp. 118-131.

Kimmerle, H. (2014). An Amazing Piece of Comparative Philosophy. Sophie Bòsèdé Olúwolé: Sócrates and Òrúnmilá: Two Patron Saints of Classical Philosophy. Lagos: ARK Publishers, 224p. Book Review. In: *Filosofia Theoretica: Journal of African Philosophy. Culture and Religions vol. 3, nº2, p. 224*.

Presbey, G. (2020). Sophie Olúwolé's major contributions to African Philosophy. In: *Hypatia*, n. 35, Cambridge University Press, pp. 231-242.

Links Úteis

Adebumiti, A. (2016). Philosopher Nigerians to embrace indigenous knowledge, languages. Recuperado de: <https://guardian.ng/art/philosopher-urges-nigerians-to-embrace>, acesso em 2022.

Ajeluoro, A. (2015). Socrates and Orunmila ... Putting Premium On Africa's Indigenous Philosophy. Recuperado de: <https://guardian.ng/art/socrates-and-orunmila-putting-premium>, acesso em 2022.

Lasisi, A. (2017). Salute to Orunmila as Sophie Oluwole hosts Dutch film-maker. Recuperado de: <https://punchng.com/salute-to-orunmila-as-sophie-oluwole-hosts-dutch-film-maker/>, acesso em 2022.

Northussen, S. (2017). “*De wertesefilosofie loopt al eeuwen achter*” In: <https://www.trouw.nl/nieuws/de-westerse-filosofie-loopt-al-eeuwen-achter~b92ab8e9/>, acesso em 2022.

Nwakunor, G. A.; Daniel, E. (2018). Top African Philosopher, Sophie Oluwole, dies at 82. Recuperado de: <https://guardian.ng/features/top-african-philosopher-sophie-oluwole>, acesso em 2022.

Obe, T. (2018). She who was diferente: Sophie Oluwole, 1935-2018. Recuperado de: <https://medium.com/@araisokun/she-who-was-different-adccb087c91b2018>, acesso em 2022.

Olúwoḷé, S. B. (2018). “Conferências Africanas: semana de Ooni de Ifé no Rio”. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Recuperado de: [\(6\) Final Sequence 2 com trecho - YouTube](#), acesso em 2022.

Olúwoḷé, S. B. (2014). (Entrevista Concedida A Adesina Anidugbe E Tunde Sodeke). Recuperado de HotSeat. OGTV, <https://www.youtube.com/watch?v=ExKGqmnRfuM&t=95> Oro Isiti (vídeo série). Episódio 1: *Importance of the mother tongue*; Episódio 2: *Ifá is a scientific and mathematical system?*; Episódio 3: *What is education in Nigeria?*; Episódio 4: *You are a stupid idiot if you condemn the whole of your culture*; Episódio 5: *Orunmila and Socrates: What do they have in common?*; Episódio 6: *Are herbal preparations fetish?* Lagos, Nigeria: Tundekelani.tv. In: https://www.youtube.com/results?search_query=Oro+Isiti, acesso em 2022.

Ojoye, T. (2017). My mum never believed I could become a professor _ Sophie Oluwole. Recuperado de: <https://punchng.com/mum-never-believed-become-professor-sophie>, Acesso em 2022.

_____. (2018). Buhari, Tinubu, Ofeimun mourn as Sophie Oluwole dies at 83. Recuperado de: <https://punchng.com/buhari-tinubu-ofeimun-mourn-as-sophie-oluwole-dies-at-83/>. Acesso em 2022.

Bibliografia Complementar

Adegbandin, O. (2014). Ifá in Yorùbá Thought System. Durham, North Carolina: Carolina University Press.

Beniste, J. (2021). Dicionário Português-Yorùbá. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (2020). Dicionário Yorùbá-Português. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (2021). *Òrun Àiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relação nagô-yorùbá entre o céu e a terra*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Composta, D. (1990). *History of Ancient Philosophy*. Bangalore: Theological Publications India.

Durant, W (1926). *Life in Greece*. New York: Simon and Schuster.

Emanuel, A. (2000). *Ifá Festival (Odun Lie)*. Lagos, Nigeria: West African Books Publishers Limited.

Prandi, R. (2001). *Mitologia dos Orixás*. Ilustrações de Pedro Rafael. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.